



CONSELHO CONSULTIVO/ADVISORY BOARD

Teresa Alves
University of Lisbon

Irene Blayer
Brock University

Diniz Borges
College of the Sequoias

Teresa Cid
University of Lisbon

Ana Paula Coutinho
University of Porto

Eduardo Mayone Dias
UCLA

Francisco Cota Fagundes
University of Massachusetts, Amhurst

Ana Paula Ferreira
University of Minnesota

Manuel da Costa Fontes
Kent State University

Vamberto Freitas
University of the Azores

Frank Gaspar
Long Beach City College

Manuela Marujo
University of Toronto

Leonor Simas-Almeida
Brown University

Carlos Teixeira
University of British Columbia Okanagan

A Bilingual Journal of
Portuguese-American
Letters and Studies

*Revista Bilingue
de Letras e Estudos
Luso-Americanos*

DIRECTOR/EDITOR

Onésimo Teotónio Almeida
Brown University

COORDENADOR DE RECENSÕES/
BOOK REVIEW EDITOR

Luís Gonçalves
Princeton University

ASSISTENTE DO DIRECTOR/
ASSISTANT TO THE EDITOR

Kate Beall
Brown University

EDITORES EMÉRITI/EDITORS EMERITI

Alice R. Clemente
Brown University

George Monteiro
Brown University

VOL. XXXVII-XXXVIII,
2015-2016



A Bilingual Journal of Portuguese-American Letters and Studies/*Revista Bilingue de Letras e Estudos Luso-Americanos*
VOL. XXXVII-XXXVIII, 2015-2016
ISSN 02767910

Gávea-Brown is published annually by Gávea-Brown Publications, sponsored by the Department of Portuguese and Brazilian Studies, Brown University, and made possible with support from FLAD (*Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento*).

Manuscripts on Portuguese-American letters and/or studies are welcome, as well as original creative writing. All work submitted for publication should be sent as a Microsoft Word document to Kate_Beall@brown.edu. Submitted manuscripts should follow MLA style guidelines.

Cover by Jesse Kercheval
Formatting by Kate Beall

S U M Á R I O / C O N T E N T S

ARTIGOS/ESSAYS

- 5 *Vamberto Freitas: um olhar sobre a cultura açoriana na era da desterritorialização*
PILAR DAMIÃO DE MEDEIROS
- 15 *Portuguese Immigration to Danbury*
MARIA LUCÍLIA MARQUES

ENTREVISTAS/INTERVIEWS

- 41 *Afterthoughts: an Interview with Vamberto Freitas*
MILLICENT BORGES ACCARDI

DOCUMENTOS/DOCUMENTS

- 63 *Captain Manuel Zora, Provincetown*
GEORGE MONTEIRO
- 69 *Ecuadorian Journal (1970)*
GEORGE MONTEIRO
- 79 *Lost in America: Portuguese Denizens in a Land of Nod*
GEORGE MONTEIRO
- 95 *Vida dos Marinheiros*
MANUEL THOMAZ LOPES
translated and edited by
GEOFFREY L. GOMES

POESIA/POETRY

- 111 *3 Poems*
NANCY JASPER
- 115 *2 Poems*
ROBERTO CHRISTIANO

TRADUÇÕES/TRANSLATIONS

- 118 *Two poems*
MARGARIDA VALE DE GATO
TRANSLATED BY RICHARD SIMAS

RECENSÕES CRÍTICAS/REVIEWS

- 123 *Para Trás anda a Lagosta. A autobiografia de um luso-americano. Lawrence Oliver (1972), Tradução e organização de Francisco Cota Fagundes, Ver Açor, 2014.*
ELSA LECHNER
CES, COIMBRA
- 131 *Donald Warrin, So ends this day. The Portuguese in American whaling, 1765-1927, North Dartmouth, Mass., Center for Portuguese Studies and Culture, 2010.*
RICARDO MANUEL
MADRUGA DA COSTA

Para Trás anda a Lagosta. A autobiografia de um luso-americano.
Lawrence Oliver (1972), Tradução e organização
de Francisco Cota Fagundes, Ver Açor, 2014.

Elsa Lechner
CES, Coimbra

A tradução de Francisco Cota Fagundes da autobiografia de Lawrence Oliver (obra inicialmente editada em inglês na Califórnia em 1972), publicada em 2014 pela editora Ver Açor, oferece ao público português e lusófono mais do que um livro: permite aos leitores conhecerem de perto a vida e experiência de um português açoriano emigrado no início do século XX para os EUA, através de um testemunho que funciona como uma verdadeira “mediação histórica” (utilizando as palavras de Cota Fagundes), entre biografia e coletividade. Trata-se de uma história que não só conta o percurso de um homem e sua família, como retrata um período histórico da construção de San Diego para a qual Lawrence Oliver contribuiu, dentro e fora da comunidade portuguesa local.

Mais do que isso, a função de arquivo que esta obra cumpre (agora na língua materna do biografado), alcança ainda uma fase de maturação da experiência da emigração portuguesa ao trazer para o espaço público um retrato-quadro da sua história mais vasta longamente caracterizada pela desvalorização dos homens e mulheres que tiveram de deixar Portugal de forma estrutural e sistemática ao longo dos tempos.

Com efeito, acompanhando o movimento de inauguração daquilo

a que Eduardo Lourenço chamou “o Portugal que se experimenta a si próprio”, a tradução do livro autobiográfico deste português na Califórnia, atualiza em língua portuguesa um certo futuro que a comunidade portuguesa (açoriana) nos EUA (e não só) havia imaginado. Entendemos esta imaginação como um projeto antes de partir para a emigração, mas também como um sonho - assim nos foi dito muitas vezes no terreno e é dito neste livro como noutras autobiografias de portugueses nos EUA – sonho que levou a escrever e a publicar as memórias para um público anónimo de leitores (seja em inglês ou em português). Apesar do facto de as comunidades portuguesas da emigração não terem ainda saído, (e ainda mais na época em que Oliver escreveu), “do espaço real e simbolicamente opaco de uma cultura oral” (Lourenço, 1999a: 81), o destino português e a portugalidade dos emigrantes nesta obra, fazem dar (como em todas as autobiografias de emigrantes), os primeiros passos de uma reinvenção de si enquanto portugueses. As imagens de si tornam-se mais concretas e menos brumosas, distanciam-se de “essa história de deriva e de fuga sem fim; destino que corou de névoa essa nostalgia, a distanciação dolorosa de nós mesmos, o seu peso de tristeza e de amargura que é a mítica saudade” (Lourenço, 1999b: 91).

Da saudade relativa de uma infância pobre vivida na Ilha do Pico – que nenhum orgulho trouxe ao ego do autor senão o da bravura da sua vontade de partir comum a tantos e tantas outro/as antes, durante a após ele – o texto autobiográfico deste português saído clandestinamente de um cais de São Miguel no dia dos seus desaseis anos em 1903, entra logo, desde o segundo capítulo, na sua experiência norte-americana. Primeiro Boston, Massachusetts, após sete dias de barco viajando na terceira classe num quadro idêntico ao descrito por José Rodrigues Miguéis no conto com esse mesmo nome (Miguéis, 1962); logo depois New Bedford onde a sua irmã já se encontrava a trabalhar como doméstica, e onde chegou com ajuda de um intérprete que o levou ao comboio e escreveu o endereço num papel, já que Lawrence não sabia ler nem escrever nessa altura; e depois, finalmente, a Califórnia, primeiro Chico, onde morava um tio e depois San Diego onde a comunidade do Pico era uma boa estrutura de apoio. Foi onde o autor viveu a maior parte da sua vida.

Ao longo dos vinte cinco capítulos restantes, Lourenço Oliveira convertido em 1918 em Lawrence Oliver quando obteve a cidadania

americana, descreve o seu percurso exemplar num texto que podemos considerar de uma “extrospeção” onde são elencados os eventos mais marcantes para o autor. Nesta escolha, Lawrence dá relevo no seu texto à voz de sua mulher, Maria Miller, que aparece ao longo de muitas páginas como “narradora embutida”, sobretudo para enquadrar acontecimentos públicos e privados que requereram algum estudo ou pesquisa prévia à elaboração do livro. É o caso da história da cidade de San Diego. Este aspeto é relevante pois embora o autor seja claro na forma e no conteúdo quanto à sua visão tradicional da distribuição de papéis masculinos e femininos na vida do casal (não tanto na vida em sociedade onde contratou mulheres para trabalhos de responsabilidade, apoiou associações femininas e apoiou incondicionalmente o estudo de sua filha e de outras jovens da comunidade), o facto é que coloca em evidência, também na forma e no conteúdo da sua narração, o papel de Maria na sua vida e na vida da comunidade portuguesa. Nascida naquela cidade americana doze anos depois de Lourenço, Maria cresceu na língua e cultura portuguesa e açoriana, dando exemplo de uma açor-americana da sua época que alcançou tributos e prémios independentemente da atuação do marido. Pena não ter sido coautora do livro.

Também ao longo dos capítulos podemos ver várias fotografias que o biografado apresenta como ilustrações de acontecimentos, lugares, pessoas importantes no seu caminho. Outras aparecem como rastros/traços de eventos que não ficaram registados no negativo mas sim na foto como objeto-vestígio de um acontecimento (o caso da foto queimada pelo incêndio que vitimou um dos irmãos de Maria). Outras imagens funcionam ainda como um *aide-mémoire* ao autor, que revisita o passado através do registo de imagem na foto, ou que o leva a procurar na memória (incluindo a não memória: “não me lembro” “não consigo recordar” “não sei quem é”), bem como nos arquivos, alguns nomes, episódios coletivos, esclarecimentos.

Se as fotos nas obras autobiográficas contribuem para ilustrar também complementos semióticos das identidades dos seus autores (Ramos Villar, 2014), as que constam deste livro retratam bem os lugares de pertença do autor: o menino pobre criado pela avó, tomando conta do gado em idade escolar, levantando-se de madrugada para chegar aos pastos ao amanhecer fugindo do medo da noite, sozinho; Lourenço o rapaz valente,

cansado de dormir num colchão de folhas de milho e musgo, do trabalho árduo nos campos, da violência do pai, desejoso de “ir para a América”; Lawrence, o português açoriano trabalhador nas hortas de fruta do Tio João em Chico, Califórnia, onde começou a frequentar a escola Salem aos dezoito anos, por indicação do tio “um homem extraordinário”; o jovem procurando trabalho na indústria do peixe em San Diego onde a presença açoriana foi pioneira, e onde o trabalho entre grupos étnicos, culturais e linguísticos diferentes (nomeadamente portugueses, chineses, japoneses) foi constitutivo, desde o início, da vida económica californiana; o jovem que continuou os estudos de segundo ciclo na escola Middletown e que sempre guardou uma mágoa “por ter de abandonar a minha educação... mas cedo outras preocupações fizeram-me esquecer as minhas desilusões.” (p. 49)

As fotos e o texto de Oliver e Miller, organizados e introduzidos por Rita Larkin Wolin na edição original, vão contando a história destas vidas, no cruzamento com tantas outras vidas, falantes de outros idiomas e crentes de outros credos, que o autor faz questão de dizer que respeita e convive com. Os lugares retratados dão conta simultaneamente da preservação da cultura portuguesa-açoriana da comunidade local (comunhões, bodas, pesca ao espadarte levada pelos açorianos para a Califórnia, Festas do Espírito Santo, inauguração da estátua de Cabrilho, obras católicas de assistência a crianças desfavorecidas de todas as religiões); da celebração da profunda cultura e fé católicas da família Oliver (Catedral de São Pedro onde tiveram duas audiências privadas com dois Papas, bodas de ouro do casal, crisma em 1969 de Lawrence pelo Bispo Furey); do cruzamento de culturas e temporalidades diferentes atravessando suas vidas, ilustrada por exemplo por uma foto da sala de aula de Mary, na Escola Washington, derrubada anos depois para construção de uma autoestrada, ou a foto do jardim da escola onde podemos ver o projeto-escolar da classe de Mary (Maria), sentada em redor das plantas (isto em 1911). Mas vemos e conhecemos ainda os feitos económicos e financeiros da família através dos negócios de sucesso, bem ilustrados nos capítulos “Pescando com anzol de ouro” e “Crescendo em estatuto cívico”. A dimensão deste sucesso contrasta com as poucas palavras do autor sobre a sua “riqueza”, mas é bem notória nas fotos do barco *Belle of Portugal*, 150 pés ou 45 metros de altura, propriedade do autor (p. 118),

e do terreno e mansão construída em 1934 em Point Loma pelo casal Oliver (p. 140). A grandeza destas posses, no entanto, é acompanhada na economia do texto pelas imagens típicas do perfil sociológico dos portugueses de muito sucesso na diáspora, que sempre mostram as origens humildes da família, a manutenção de valores e gostos tradicionais/rurais, nesta obra patentes no episódio do vinho escondido em plena época da lei seca, ou do rancho de animais que o autor faz questão de mostrar também em fotografias (fotos “um dos meus novinhos premiados”, “o meu cavalo Chief”, “Herefords de sangue puro”).

Os tributos e honras que o casal recebeu, fazem parte relevante dos anos maduros das suas vidas abastadas financeiramente mas humildes no trato com as várias classes sociais com que se relacionaram na sociedade norte-americana, como na portuguesa, ou outra, segundo dizem no livro. Clubes, associações, empresas estatais em San Diego, bancos, a Igreja Católica (que lhe atribuiu a Comenda da Ordem de São Gregório em Santa Inês, em 1954), o governo português, o governo brasileiro, reconheceram publicamente as pessoas e obras do casal, atribuindo-lhes distinções que o autor retrata com muito orgulho no livro. Estes coroam a descrição extrospectiva, como lhe chamo, das obras da vida de Lawrence e Mary, que para além de trazerem compensações e recompensas pessoais ao casal, também construíram uma certa forma portuguesa de ser e estar nos EUA, contribuindo para a história do desenvolvimento local em geral, e para a história da indústria da pesca em particular. As fotos das fábricas e negócios de Oliver podem ser fonte de uma verdadeira arqueologia industrial de San Diego.

Entende-se que as gerações dos filhos e dos netos seguem os passos comerciais e industriais do casal, assim como parecem fazer manter as práticas e crenças religiosas norteadoras do pensamento e ação dos pais: a fé, o amor, a determinação. Bem inseridos e ativos no tecido social multicultural dos EUA sem diluírem a sua cultura de origem (sem se assimilarem), os Oliver-Miller realizaram o sonho americano muito para além do que haviam imaginado, granjeando simultaneamente conquistas materiais mas também simbólicas e espirituais como o livro mostra no final. É no último capítulo que encontramos uma introspeção do autor, desta feita com a marca dos seus oitenta e cinco anos a seguir a regra de ouro: “sermos amigos uns dos outros”. Lawrence termina a sua histó-

ria com o episódio “Chantilly no bolo”, onde a sua paixão pelo canto finalmente se expressa a solo num microfone alcançado no palco, mas sobretudo onde pôde mostrar a todos os convivas da boda e aos noivos, que o bem querer aos outros é mais valioso do que tudo o resto. Até mais importante do que parecer estar à altura dos méritos que o próprio (ou os outros) podem querer relativizar: Lawrence confessa nas últimas páginas que sempre guardou um complexo de inferioridade por não ter estudado como queria, tema recorrente em muitas autobiografias de emigrantes portugueses (por exemplo, Felicidade Almeida, 2009; Comendador José dos Santos por Baldomiro Soares, 2013; e Tozé Silva, 2012), por nunca ter sido capaz de se exprimir como desejaria, por ter crescido com muitas limitações na sua formação escolar e profissional. Mas conclui dizendo que “Nesta altura do campeonato já todos sabem quem sou e o que sou.” (p. 246). E mostra, no relato de um gesto de altruísmo e bondade, que a sua preocupação pelos outros (neste caso pelo estado de saúde preocupante da noiva antes do casamento), foi sempre a maior fonte de gratificação da sua vida. No episódio ilustrativo, desejou o bem da jovem rapariga, transmitiu-lhe esperança e coragem, rezou por ela e disse-lho. E ela ficou boa. Tanto que se casou e deu uma festa onde o octogenário Oliver saiu da sua timidez, contou a pequena-grande história em público, e cantou em louvor desse altruísmo e bem-querer. “Quando acabei, todos choravam”, diz ele num misto de emoção e humor, pois “Não sei se por estarem comovidos, ou porque a minha voz era tão má”. Mas Mary, a sua esposa, estava lá para lhe dizer que ele estava uma perfeição. E outros convivas confirmaram: “Tu foste o Chantilly no bolo”.

Confirmado e reconhecido por todos, Lawrence Oliver foi ainda postumamente perfilhado pela historiografia norte-americana pelo contributo e legado que deixou na história de San Diego. Talvez esta tradução em português da sua autobiografia contribua para que a história da emigração portuguesa seja capaz de equivalente reconhecimento das histórias de vida destes homens e mulheres que continuam a ter de deixar Portugal. O gesto autobiográfico, esse, é um gesto de emancipação quer tenha público de leitores ou não (Lechner, 2014).

Um comentário final que não pretende desmerecer em nada o livro que aqui nos traz, diz respeito a duas ausências de nota no texto de Lawrence, um fazedor da história: por ocasião do período da grande

recessão de 1929/30 o autor apenas refere a necessidade de ter de esperar uns anos para poder construir a sua mansão em Point Loma; e a referência à II Guerra Mundial é meramente indicativa. O que terá pensado e sentido este homem (e a sua esposa) em tão importantes momentos da história dos EUA e do mundo? O livro diz-nos que os temas políticos eram assunto quente na casa, mas apenas para não os tratar como gostaria um/a leitor/a interessado/a pela opinião de um português que viveu entre países, culturas, línguas. A omissão das questões políticas portuguesas também é evidente. Mas neste assunto é mais fácil adivinhar a dificuldade de um imigrante açoriano que escreve no início dos anos 1970 nos EUA. Cabe aos mais jovens, como diz Lawrence no último capítulo, “aos mais instruídos”, fazer o futuro. E foi porque se preocupava com o futuro que Lawrence escreveu o seu livro: “espero que a minha história seja de benefício e encorajamento para alguém, em algum momento.” Esta tradução em português facilita, com certeza, o alcance do desejo do autor. Mas, do lado dos leitores, seria certamente mais rico poder conhecer a dimensão subjetiva, emocional e biopolítica que tal percurso biográfico acarretou. Por exemplo, saber como viveu na pele este autor a sua origem portuguesa e açoriana nos EUA, já que ficou patente a sua não *guetização* na comunidade açoriana de San Diego. Ficamos com a impressão de que o retrato é por vezes demasiado cor-de-rosa, quando sabemos que a experiência de e/imigração é difícil (no século XX como no século XXI), tal como é objetiva e subjetivamente dolorosa a experiência de se estar em situação irregular num país (como ele esteve), e desafiante viver entre culturas e temporalidades diferentes.

Ficamos com a discriminação positiva desta extrospeção de Lawrence Oliver como exemplo de uma grande determinação que nos consegue comover, mas também como contracena de outras vozes e experiências que a sua veia artística por explorar talvez lhe tivesse e nos tivesse dado, aos leitores, a (re)conhecer.

Uma nota técnica sobre a edição em português: com todo o mérito e valor da tradução que já referi, penso que esta versão em português ganhava em traduzir alguns termos em desuso na nossa linguagem urbana corrente, e em corrigir as várias gralhas que encontramos no texto. Mas estes são aspetos marginais que cabe à editora corrigir.

Coimbra, 20 de Agosto de 2015

Referências:

- Almeida, Felicidade. (2009). *Quando toda a esperança é azul*. Autobiografia. Newark: edição de autor.
- Fagundes, Francisco Cota. (2014). Postfácio. *Para Trás Anda a Lagosta* de Lawrence Oliver, traduzido para português por Francisco Cota Fagundes, Ponta Delgada: Ver Açor. pp. 251-262.
- Lechner, Elsa. (2014). A escrita autobiográfica de emigrantes portugueses em Newark: resistência aos estereótipos e emancipação glocal. In Elizeu Souza, Ana Luiza Balassiano, Anne-Marie Oliveira (orgs.), *Escrita de Si, Resistência e Empoderamento*, Curitiba: CRV. pp. 99-114.
- Lourenço, Eduardo. (1999a). *Portugal Como Destino*. Lisboa: Gradiva.
- Lourenço, Eduardo. (1999b). *Mitologia da Saudade*. Lisboa: Gradiva.
- Miguéis, José Rodrigues. (1962) (1994). *Gente da Terceira Classe: contos e novelas*. Lisboa: Estampa.
- Silva, Tozé. (2012). *Labirinto. Memórias de um beirão*. Newark: Edição de Autor.
- Soares, Baldomiro. (2013). *Freixiosa. A minha terra e o museu. (Comendador José Abrantes dos Santos)*. Newark, Loulé: Edição de autor.
- Villar, Carmen Ramos. (2014). “Image, Text, Self: Representation in Charles Reis Felix’s Through a Portagee Gate”, *a/b: Auto/Biography Studies*, 29:2, 279-297.